



Operational Maneuver From The Sea (OMFTS) e o Ship-to-Objective Maneuver (STOM): conceitos e aplicações para os GptOpFuzNav

CMG (FN) Luís Felipe **Valentini** da Silva serve atualmente no Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, como Chefe do Departamento de Doutrina. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2011, e o *Marine Corps War College* (MCWAR) da *Marine Corps University* em 2019/2020. Serviu no 3ºBtlInfFuzNav – Batalhão Paissandu – como Comandante de Pelotão, Comandante de Companhia e Oficial de Estado-Maior. Foi Chefe do Estado-Maior do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti, 16º Contingente. E comandou o 3ºBtlInfFuzNav de novembro de 2016 a janeiro de 2018. Possui o título de *Master of Strategic Studies* conferido pela *Marine Corps University*.

Introdução

A manobra operacional a partir do mar é um conceito basilar do *United States Marine Corps* (USMC), incorporado nas concepções de emprego *Expeditionary Maneuver Warfare Concept* (JONES, 2019) e *Marine Corps Strategy 21* (ESTADOS UNIDOS, 2000), e com reflexos conceituais no moderno *38th Commandant's Planning Guidance* (ESTADOS UNIDOS, 2019). Após 25 anos do lançamento da publicação *Marine Corps Concept Paper 1* (MCCP-1) *Operational Maneuver From The Sea* (OMFTS) (ESTADOS UNIDOS, 1996), seus princípios permanecem em utilização, sendo válido considerar ser pertinente e atual o conceito, portanto relevante para estudo.

Assim, o presente artigo tem por finalidade apresentar o conceito da manobra operacional a partir do mar bem como o conceito decorrente da manobra navio para objetivo. O artigo também se propõe a identificar aplicações e desafios para nossos GptOpFuzNav na sua adoção. É um trabalho conceitual, sem objetivo de sugerir formas de emprego. Por tratar-se de conceitos não incorporados as nossas publicações doutrinárias, serão utilizados os acrônimos originais em inglês *Operational Maneuver From The Sea* (OMFTS) e o *Ship-to-Objective Maneuver* (STOM).

Histórico

A concepção de uma manobra operacional a partir do mar não é nova. Nos relatos de *Thucydides*, em 431 a.C, a cidade-Estado de *Athenas*, detentora da supremacia do poder naval, utilizava os mares Egeu e Ionio como espaço operacional, manobrando sua Marinha como ferramenta para desfazer e obter alianças entre as cidades-Estado Gregas, obtendo efeitos operacionais contra o poder terrestre de sua rival Esparta¹.

Durante a Guerra Civil Americana, na primavera de 1862, General McClellan explorou a superioridade naval da União para manobrar, evitando enfrentar o exército Confederado em uma ação direta frontal por terra, vinda do Norte. A manobra permitiu o desembarque sem oposição e a progressão de uma grande força do Exército do Potomac em direção de Richmond. “Assim, um enorme exército de mais de 120.000 homens, o maior até agora reunido na Guerra Civil, foi embarcado em 400 navios junto com todas as suas carroças, armas, animais carregados e a enorme quantidade de equipamentos, etc. necessários para um exército de tal magnitude” (TILL, 2009, tradução nossa). O vulto desta operação anfíbia só veio a ser superado, por forças dos EUA, no desembarque da Normandia em 1944. Para o

¹THUCYDIDES (431 a.C.). *The History of the Peloponnesian War*. Tradução de: Richard Crawley. The Gutenberg Project, 2003. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/7142/7142-h/7142-h.htm/>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

pesquisador *Geoffrey Till* (2009), o USMC se inspirou nesta manobra concebida por *McClellan* para desenvolver os princípios da OMFTS.

Em um passado recente, durante a Guerra da Coreia, a tomada de Seul em 1950 representou um exemplo clássico de manobra operacional a partir do mar. Focada na vulnerabilidade crítica das forças norte-coreanas, o desembarque em Inchon atingiu o efeito operacional de liberar o perímetro de Pusan, manobrando pelo mar para cortar as linhas de comunicação norte-coreanas². A surpresa obtida com o desembarque foi decisiva para impactar o distante sudoeste da península, caracterizando um resultado no nível operacional.

Figura 1: Invasão de Inchon, Setembro de 1950



Fonte: Naval History and Heritage Command. Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/content/history/nhnc/our-collections/photography/numerical-list-of-images/nhnc-series/nh-series/NH-97000/NH-97053.html/>>

A manobra operacional a partir do mar (OMFTS) - conceitos e princípios

A essência da manobra operacional a partir do mar fundamenta-se em manobrar e projetar poder em terra por forças navais, explorando uma fraqueza do inimigo, para desferir golpe decisivo no nível operacional. O extensivo uso do mar visa obter vantagem, explorando-o como barreira contra o inimigo e para evitar engajamentos desvantajosos.

No nível operacional, onde “a liberdade de ação é conseguida, principalmente, pelo equilíbrio apropriado dos fatores operacionais de espaço, tempo, força (massa), e suas combinações” (BRASIL, 2012a), o conceito de OMFTS se diferencia por tratar o ambiente marítimo, terrestre e aéreo como um contínuo, um espaço de manobra litorâneo unificado, criando assim um espaço de batalha ampliado. Nesse contexto, o USMC define as operações nesse espaço de batalha ampliado como manobra no litoral - a capacidade de fazer a transição de forças prontas para o combate do

mar para terra, a fim de obter posição de vantagem sobre o inimigo (ESTADOS UNIDOS, 1996).

Ainda sobre o conceito de OMFTS e o nível operacional, a definição ressalta a necessidade de desferir golpe decisivo. A busca do ponto decisivo, abstração proposta por Jomini, está presente em todas as formas de manobra operacional, seja em ambientes terrestres, marítimos ou na faixa litorânea onde ambos os ambientes se encontram.

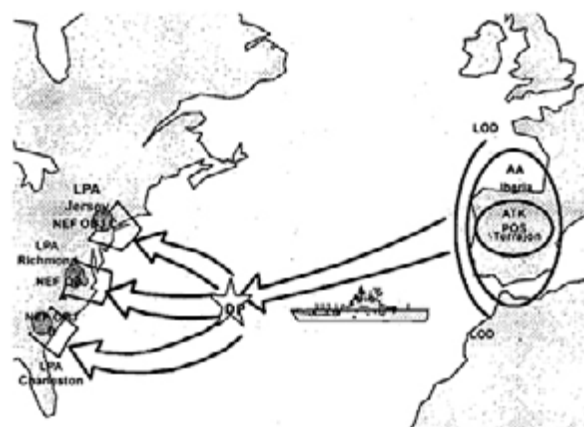
Em particular para a OMFTS, caracterizada como “um lance ousado para a vitória, que visa explorar uma fraqueza inimiga” (ESTADOS UNIDOS, 1996), planejada para projetar poder por uma operação de alta complexidade como a operação anfíbia, a ação deve ser direcionada para desestabilizar um Centro de Gravidade (CG) inimigo – interrompendo a capacidade do oponente de continuar efetivamente lutando. Portanto, as Vulnerabilidades Críticas³ serão os objetivos operacionais da OMFTS. Por exemplo, no exame histórico da captura de Seul em 1950, as linhas de suprimento Norte Coreanas estavam canalizadas no vale do Rio Han, materializando a vulnerabilidade crítica das forças da Coreia do Norte.

E finalmente, para garantir resultados decisivos, a manobra operacional a partir do mar deverá:

- ter flexibilidade para projetar poder sobre terra no momento e local oportunos; e
- remover a pausa para erigir o poder em terra.

Assim, a OMFTS garantirá a rápida transição entre o ambiente marítimo e o terrestre e proporcionará o ritmo e momento necessários para que a Força de Desembarque sobrepuje o inimigo, explorando suas fraquezas com rapidez e concentração de poder de combate.

Figura 2



Fonte: ESTADOS UNIDOS, 1996. Disponível em: <<https://www.marines.mil/portals/1/Publications/MCCP%201%20Operational%20Maneuver%20from%20the%20Sea.pdf/>>

²INCH'ON landing. *History.com*, 2018. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/korea/inchon/>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

³Vulnerabilidades Críticas – são pontos fracos do CG que, ao serem exploradas, resultarão na desestabilização ou destruição do CG oponente (BRASIL, 2013).

O MCCC-1 propõe a adoção de áreas de penetração no litoral – *Littoral Penetration Areas (LPA)*, para oferecer a flexibilidade e liberdade no nível operacional para explorar oportunidades.

A flexibilidade na escolha da LPA combinada com um robusto sistema de inteligência e comando e controle permitirão que o dispositivo oponente seja contornado, torne-se irrelevante ou se desequilibre até o colapso.

E para garantir que o faseamento e pausa naturais na conquista de uma cabeça de praia não reduzam o ritmo operacional, foi proposto o conceito de manobra navio para objetivo.

A manobra navio-para-objetivo (STOM) e o acesso

A manobra navio-para-objetivo é um conceito tático, aplicável a todos os tipos de operações anfíbias, que contempla uma força com habilidade de operar em uma área geográfica mais ampla, sem a edificação e reorganização de suas forças em uma cabeça de praia. Em essência, a STOM não tem como objetivo conquistar uma praia, mas sim projetar unidades de combate em terra em suas formações de combate, em local decisivo e com força suficiente para garantir o cumprimento da missão.

Dentro do espectro de operações da OMFTS, as operações de projeção de poder são frequentemente confrontadas com diversas restrições de acesso aos objetivos operacionais. Operando em ambientes hostis ou incertos, as Forças-Tarefa Anfíbias necessitarão possuir a habilidade de “criar” acesso em local e momento apropriado para o sucesso da missão. Nestes ambientes que a STOM apresenta sua principal característica – obter acesso aos objetivos.

Atualmente em voga como palavra de ordem para o estudo das capacidades anfíbias, o conceito de *anti-access/area denial (A2AD)* ancora a idéia de negação de acesso por ações inimigas, que a partir de posições fixas e móveis, tentarão impedir os acessos aos fundeadouros, as praias de desembarque e locais de pouso, contestando o controle do espaço aéreo, de superfície, submarino e ciberespaço. No próprio *Planning Guidance do General Berger* (ESTADOS UNIDOS, 2019, tradução nossa) reforça a percepção, declarando que:

Não acredito que as operações conjuntas de entrada forçada sejam irrelevantes ou um anacronismo operacional; no entanto, devemos reconhecer que abordagens diferentes são necessárias dadas à proliferação de recursos de ameaça anti-acesso / negação de área (A2AD) em espaços mutuamente contestados... Devemos aceitar as realidades

criadas pela proliferação de fogos de precisão com longo alcance, minas e outras armas inteligentes e buscar maneiras inovadoras de superar essas ameaças.

No entanto, outras formas de negação podem confrontar as OMFTS. Problemas de ordem ambiental, causados por fenômenos climatológicos severos, deslizamentos de terra, secas, incêndios e inundações, bem como restrições políticas, caracterizadas por demandas governamentais que limitam ou negam a aproximação de águas jurisdicionais, o sobrevôo e a operação em seus territórios, reduzem a capacidade de concentrar e edificar poder em terra de forma tradicional com a conquista de uma cabeça de praia.

Assim, a manobra navio-para-objetivo representa a ferramenta para que as forças navais obtenham acesso no momento e local oportunos, permitindo explorar a flexibilidade das forças de desembarque para atingir os objetivos operacionais da OMFTS.

Princípios da manobra navio-para-objetivo

O cerne da STOM é a projeção de poder através do litoral sem pausas, explorando a mobilidade tática e evitando as superfícies definidas na filosofia da guerra de manobra. Os princípios que orientam a STOM são:

- foco no objetivo operacional. A manobra navio-para-objetivo não segue o faseamento da conquista de uma cabeça de praia, dirigindo seus esforços diretamente para a conquista dos objetivos em profundidade, fornecendo liberdade e flexibilidade aos elementos de manobra para atacar as vulnerabilidades críticas do inimigo, interrompendo o ciclo de tomada de decisões do oponente;
- lidar com o mar como espaço de manobra. Para o detentor de seu controle, o mar tornar-se obstáculo protetor e “terreno” de incomparável mobilidade. Explorando vulnerabilidades no inimigo ou lacunas em seu dispositivo, a Força de Desembarque pode projetar seu poder de combate profundamente no sistema defensivo, tornando as posições inimigas insustentáveis;
- ênfase na inteligência, despistamento e flexibilidade. Baseado na filosofia de guerra de manobra, as STOM devem explorar operações pré assalto para despistar o inimigo, levantar dispositivos, atacar vulnerabilidades críticas e obter vantagens táticas; e

- ritmo⁴ de operações superior. A combinação do emprego de meios aéreos e de superfície para projetar elementos de manobra diretamente dos navios em dispositivo para o combate, garante a iniciativa para Força de Desembarque ditar o ritmo dos engajamentos. A conjunção de sigilo, despistamentos, e fogos cinéticos e não cinéticos atrasam a compreensão da situação pelo inimigo e interrompem sua reação. A contínua oferta de dilemas ao oponente sobrepuja seu ciclo OODA, deteriorando sua coesão mental e capacidade de compreender a situação.

Em uma concepção esquemática, as operações anfíbias passam de sua organização tradicional para uma proposta STOM, conforme figuras abaixo.

Figuras 3 e 4



Fonte: ESTADOS UNIDOS, 2011. Disponível em: <<https://www.mccdc.marines.mil/Portals/172/Docs/MCCDC/Documents/Concepts/STOM%20May%202011.pdf>>

Para garantir a liberdade da Força de Desembarque de obter acesso, explorar as brechas no dispositivo inimigo e evitar suas superfícies, o USMC concebeu em conjunto com a STOM mais duas medidas de coordenação para controlar o desembarque: Local de Penetração no Litoral (LPS) e Ponto de Penetração no Litoral (LPP).

Figuras 5



Fonte: ESTADOS UNIDOS, 2011. Disponível em: <<https://www.mccdc.marines.mil/Portals/172/Docs/MCCDC/Documents/Concepts/STOM%20May%202011.pdf>>

Apoiado em sistemas de localização de alta precisão e dispositivos de navegação, um LPP deverá possuir extensão suficiente para a passagem de um conector, mas poderá ser utilizado por um elemento de manobra desdobrado ou por uma série de elementos desembarcando em coluna. E para garantir flexibilidade e opções de manobra, os planejadores normalmente designarão diversos LPP.

Um sistema robusto de inteligência integrado a um sistema de comando e controle flexível permitirá que a Força-Tarefa Anfíbia efetivamente explore os múltiplos pontos de projeção de poder, incidindo onde não houver resistência ou onde será atingido a maior sinergia.

Os GptOpFuzNav e a STOM

Com a incorporação dos navios multipropósitos ao acervo da MB, a capacidade expedicionária do Poder Naval foi ampliada, permitindo que o conjugado anfíbio explore a flexibilidade dos GptOpFuzNav no amplo espectro das operações militares para atingir efeitos no nível operacional.

O conceito de GptOpFuzNav, estruturado segundo o conceito organizacional de componentes, é particularmente apto para incorporar e implementar os conceitos da manobra operacional a partir do mar e da STOM. As características de expansibilidade e redução dos GptOpFuzNav, bem como a possibilidade de modular e subordinar outros GptOpFuzNav, permitem distribuir e desagregar seus elementos de forma a atuar no campo de batalha estendido da manobra no litoral.

A predominância da adoção da guerra de manobra como estilo de condução dos conflitos pelos GptOpFuzNav também reforça a incorporação dos conceitos da STOM pelos mesmos. A busca por abordar o inimigo a partir de uma

⁴Ritmo: rapidez em relação ao tempo, ou seja, é a rapidez com que se orienta e decide. (BRASIL, 2013)

posição vantajosa, a exploração das vulnerabilidades críticas do CG oponente, a ação ditada pelo reconhecimento e a ênfase na concentração de esforços explorando as brechas encontradas, evitando-se as superfícies, tornam a adoção dos princípios da STOM uma decorrência natural da filosofia de planejamento dos GptOpFuzNav.

Os recentes incrementos na capacidade da Marinha do Brasil materializam novas oportunidades para explorar os conceitos da STOM. Por exemplo, o Sistema Integrado de Comando e Controle da Marinha do Brasil (SIC2MB), com estações instaladas nos navios multipropósitos e projetado para atender as demandas dos GptOpFuzNav, permite exercer o controle integrado dos elementos de manobra, facilitando a solução de continuidade de comando da Força de Desembarque. A ampliação do acervo de Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf) duplicou a capacidade de desembarque por superfície, garantindo ação de choque e mobilidade aos escalões de assalto. E a proposta de aquisição de novos sistemas de abertura de brechas, como o lançador de cargas para limpeza de minas (MCLIC), incrementará a mobilidade dos elementos de combate.

Por outro lado, baseado na experiência do USMC, a implementação dos conceitos da STOM também trará desafios aos GptOpFuzNav, ensejando soluções criativas para adaptar necessidades de inteligência, apoio de fogo, logística baseada nos navios, organização, doutrina, treinamento e capacitação. A transformação da teoria em capacidades

exigirá ainda experimentação e adaptação das relações de comando entre a Força-Tarefa Anfíbia e a Força de Desembarque, com reflexos inclusive na autoridade para interferir na programação de desembarque dos conectores. E mesmo para o USMC, as respostas a todos esses desafios ainda são propostas em evolução.

Conclusão

Os conceitos de manobra operacional a partir do mar e da manobra navio para objetivo continuam a evoluir no USMC, acompanhando as inovações tecnológicas dos meios e incorporando a filosofia da guerra de manobra para o espaço de batalha litorâneo. A constante disputa entre as forças que pretendem projetar poder sobre terra e as forças que buscam negar seu acesso permanecerá alimentando esta evolução de conceitos.

Portanto, a capacidade de desenhar e preparar forças anfíbias com capacidade de entregar efeitos operacionais, em regiões onde o acesso é negado ou restrito, perdurará como objetivo a ser alcançado pelas Marinhas com aspirações de operar no amplo espectro das operações militares.

Sendo o Corpo de Fuzileiros Navais a Força Expedicionária por Excelência definida pela Estratégia Nacional de Defesa (BRASIL, 2012b), o estudo pelo CFN da manobra operacional a partir do mar e da manobra navio-para-objetivo continuará a ser tema relevante para discussão.



Referências

BRASIL. Marinha. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN 0-1: Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. Escola de Guerra Naval. **EGN 601: Manual de Estratégia Operacional**, v. 1. Rio de Janeiro, 2012a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2012b.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. Headquarters United States Marine Corps. **Commandant's Planning Guidance: 38th** Commandant of the Marine Corps. Marines, 2019. Disponível em: <https://www.marines.mil/Portals/1/Publications/Commandant's%20Planning%20Guidance_2019.pdf?ver=2019-07-17-090732-937/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. Headquarters United States Marine Corps. **Marine Corps Strategy 21**. Washington, D.C., 2000. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/library/policy/usmc/Strategy_21.pdf/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. Headquarters United States Marine Corps. **Operational Maneuver from the Sea**. Washington, D.C., 1996. Disponível em: <<https://www.marines.mil/portals/1/Publications/MCCP%201%20Operational%20Maneuver%20from%20the%20Sea.pdf/>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. Marine Corps Combat Development Command. **Ship-to-Objective Maneuver**. Quantico, VA, 2011. Disponível em: <<https://www.mccdc.marines.mil/Portals/172/Docs/MCCDC/Documents/Concepts/STOM%20May%202011.pdf/>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

INCH'ON landing. **History.com**, 2018. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/korea/inchon/>>. Acesso em: 26 nov. 2021

JONES, J. L. **Expeditionary Maneuver Warfare**. Marine Corps Association, 2019. Disponível em: <<https://mca-marines.org/blog/gazette/expeditionary-maneuver-warfare/>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. Inchon Invasion, september 1950. Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/our-collections/photography/numerical-list-of-images/nhhc-series/nh-series/NH-97000/NH-97053.html/>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

TILL, Geoffrey. **Seapower: a guide for the Twenty-first Century**. 2. ed. Routledge, 2009.

THUCYDIDES (431 a.C.). **The history of the peloponnesian war**. Tradução: Richard Crawley. The Gutenberg Project, 2003. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/7142/7142-h/7142-h.htm/>>. Acesso em: 29 dez. 2021.